

A queda do governo Draghi na Itália



Por ANSELMO PESSOA NETO*

Guerra e política de austeridade derrubam o primeiro ministro italiano

Sem tentar entender a crise dos meios de comunicação que ronda o mundo, não se pode entender a crise e a queda do governo de Mario Draghi na Itália. Mario Draghi é o super banqueiro que foi de presidente do Banco Central italiano a presidente do Banco Central europeu e, como bom tecnocrata, o que é o mesmo que bom executivo e, melhor ainda, o que é o mesmo que bom pau-mandado, imprimiu com mão de ferro a política da austeridade (em língua estrangeira, *austerity*, que é pra soar como coisa nobre e que, na verdade, nunca quis dizer outra coisa do que “comida pouca, meu pirão primeiro”, ou, melhor ainda: só quero garantir o meu) na União Europeia (o que é o mesmo que União Aduaneira).

Esse cidadão, banqueiro por excelência, se cacifou para primeiro ministro da Itália basicamente com uma única frase: *whatever it takes* (o que for preciso). Esta frase, dita em 2012, é a única que se tem notícia do repertório progressista do super Mário Draghi, tudo o mais, todo o seu arsenal de medidas, antes e depois desta frase que o consagrou, serviram a um único patrão: o mercado financeiro que, por sua vez, tem um único padrão: reservem dinheiro para pagar os seus empréstimos! Qual o juro? ah, bom, isso decidimos nós ahahahahahaha (essa gargalhada é deles, dos homens do mercado financeiro).

Em que contexto Draghi disse a sua famosa frase? Poucos querem saber. Melhor não mexer nos segredos dos nossos heróis. Melhor sermos enganados, afinal, somos cidadãos de boa vontade, só queremos o bem nosso e o do próximo ahahahahahaha (essa risada é minha). De forma sumária, Mario Draghi pronunciou a sua famosa frase quando a vaca já tinha ido para o brejo. Basta pesquisar (pesquisar: esse era o intento inicial da Internet: quero saber: pesquiso. E que virou: não quero saber, deixe que digam por mim, eu sigo). A austeridade já tinha feito o seu trabalho e, sem nenhuma ironia do destino, o país da hora para entrar em default (quebrar, em língua tupiniquim) era mesmo a Itália. E pareceu que Mario Draghi era nacionalista para os italianos de boa vontade (os mesmos que já tinham garantido o pirão). A leitura foi: Mario Draghi está disposto a tudo para a salvar a Itália da bancarrota, que coisa mais bonita, mais fofinha, né não?

A verdade, infelizmente, para a nossa gente crédula, é que Mario Draghi não estava tentando salvar a Itália da bancarrota, mas ainda cumprindo ordens, ou seja, se a então quinta maior economia do mundo quebra, como ficamos nosotros da sexta para baixo? E os juros, quem vai bancar? Será que não periga uma quebradeira geral? Tem hora que queremos acreditar, não é mesmo? O pensamento positivo remove montanha, dizem. E se o povo quer acreditar, quem haverá de ser contra?

Em 2021, diante de uma nova probabilidade de quebradeira do Estado italiano, a saída foi chamar o herói de 2012 para um governo de unidade nacional: todos com Mario Draghi, da esquerda à direita, menos um. Aliás, um filme já visto com um outro banqueiro, o governo Monti (2011-2013) que, já na contratação, para quem quisesse ver, são sempre poucos, o fracasso já estava anunciado (o fracasso, como tudo o mais, é relativo. Uns quase sempre ganham, outros...). E aqui voltamos ao nosso ponto inicial: afinal de contas, a Itália ama os banqueiros? Não, com certeza, não. Mas a grande mídia, com certeza, ama. Mas não seria por que a própria grande mídia italiana e os banqueiros são a mesma coisa? Que dúvida cruel.

No episódio Mario Draghi, as coisas na Itália ficaram tão escancaradas como talvez em nenhum outro momento histórico (daí também a importância da Itália, sempre a nos ensinar). A grande mídia: grandes jornais, grandes redes de televisão e derivados, atuaram como uma única rede, uma única verdade. O que poderia unir, só para dar um exemplo, jornais como

a terra é redonda

Corriere della Sera, La Repubblica, La Stampa (os dois últimos nem tentam esconder que são de propriedade da antiga FIAT), *Il Sole24ore* e todos, todos os outros menos um, em torno de uma única verdade, ou seja, “a verdade é Mario Draghi acima de tudo e todos” repetida milhões de vezes como cantilena monocórdica de manhã, à tarde, à noite e de madrugada? Quem respondesse que o que une essa gente (essa gente, é gente ainda?), essa grande mídia, é o capital financeiro, em se tratando de um homem provado e comprovado do capital financeiro, estaria errando?

Mas deu errado, Mario Draghi caiu! A pergunta lógica é: caiu por quê? Por que caiu? Porque a barriga ronca e os preços não param, não. O mesmo fator, com outro nome, é que Mario Draghi caiu por causa da guerra. Mario Draghi caiu também por causa da guerra que faz os preços subirem. Mario Draghi deposto, rei posto: a grande mídia já concertou: vamos aterrorizar o povo com a ameaça da Meloni, líder política do partido Irmãos da Itália (em italiano: *Fratelli d'Italia*. Partido neofascista ou velho fascista, nesse caso, dá no mesmo). Mas por que o povo escolheria a Meloni e o seu partido Irmãos da Itália? Essa pergunta está proibida na Itália, pelo menos na grande mídia e entre os mais crédulos.

***Anselmo Pessoa Neto** é professor de literatura italiana na UFG. Autor, entre outros livros, de *Italo Calvino: as passagens obrigatórias* (Editora UFG).